

2. DOS SENTIDOS

Varella, 2010



Fonte Menino-Caranguejo - autoria: Chicolam
(<http://www.meninocaranguejo.com/>)

Este artigo tem por objetivo amenizar a angústia de meus colegas professores. Convido-os a pesquisarem e se aprofundarem nos estudos da Interdisciplinaridade e Espiritualidade, pois percebo a cada dia a importância e necessidade de colocar na prática pedagógica, a possibilidade de ir além da sala de aula. É o momento de perceber a riqueza do desenvolvimento individual, constatar que cada grupo, cada ser é diferente. Em cada ação o professor também se torna diferente, pois estimula e é estimulado. Em cada nova sala os desafios são muitos e diferenciados e vão requerer mudanças pedagógicas, é um jogo sem acomodação.

Quase sempre experiências anteriores não evitam o caos que pode ser instaurado em sala de aula a qualquer momento, porém com persistência, o profissional experiente encara os desafios, evita não permanecer na mesmice, com seus ranços, porque ele convive diariamente com vidas que estão em constante mutação, em constante metamorfose.

É difícil superar a rapidez imposta pela comunicação digital, mas se as temáticas apresentadas aos alunos permitem que opinem, se identifiquem, encontrem sentidos e valores, o processo e os resultados serão profundamente transformadores.

Há a necessidade do desprendimento do professor em vê-los se desenvolver nesse processo de interiorização, autoconhecimento e desenvolvimento da linguagem. Estimular o aluno, esse é o caminho, mas como traçá-lo, se o próprio professor está desestimulado? Sem paixão? Sem desejo? As disciplinas são apenas oportunidades de criar estratégias para o desenvolvimento do processo educativo e a **criatividade é uma das formas de abertura de consciência e sentidos.**

O que não podemos nos esquecer é que em nossa vida diária precisamos também utilizar de criatividade para transformar nosso dia a dia. Como fazer isso?

Goswani (2010, p.110) afirma que a criatividade é o alimento para a alma. Significa então que precisamos alimentá-la no dia a dia para não morrermos, para não cairmos na tristeza ou desânimo.

Segundo ele somente conseguiremos mudar o mundo partindo para outros fundamentos que não sejam o materialismo, entre eles a física quântica, o desenvolvimento espiritual e o nosso poder criativo. Ele afirma que a criatividade não é apenas nossa preparação para o novo século, mas também para o estágio seguinte de nossa evolução. A pergunta é como darmos esse salto quântico da evolução neste momento?

Não há tempo a perder, precisamos despertar, nos movimentar e rápido, já que ficamos muito tempo retidos em nossa evolução. A ciência materialista ainda domina, Forças de separação e mentalidade determinista e mecânica ainda reinam soberanas. Essa mentalidade gera mediocridade e consumismo e no cenário da criatividade tradicional ficamos **com fome na alma, como afirma** Goswani (2010, p.116). O que nós temos de perceber e compreender que o que a alma sente não é a falta do dinheiro para consumir alimento espiritual, mas a criatividade para a produção do alimento espiritual.

Segundo o autor, quando a mediocridade e o consumismo produzem em massa fome nas almas, as pessoas realmente criativas de nossa sociedade, no lugar de serem os heróis que devemos seguir para que a consciência evolua, são os forasteiros dos quais devemos desconfiar porque são perigosos.

Somente poderemos respeitar as pessoas criativas se nós mesmos apreciarmos tanto a criatividade a ponto de nos tornarmos produtores e consumidores do alimento para a alma.

A criatividade tem um significado muito importante em nosso autodesenvolvimento e evolução. É necessário compreender o processo criativo e praticá-lo com consciência. Vamos aprender a usar a criatividade em todas as áreas de nossas vidas e na busca da transformação do nosso ser. Mudar a motivação, passar da dedicação à criatividade pessoal e também voltada para o movimento evolucionário da consciência planetária.

Precisamos valorizar mais o processo criativo nas artes, nas humanidades, nas ciências. Goswani (2010, p.110) acrescenta que quando nos sentimos inspirados a colocar a criatividade no centro de nossa vida e sincronizá-la com o movimento vital, com o movimento evolucionário da consciência, estamos prontos para tornar uma só coisa interior e exterior, masculino e feminino. Até para transformarmos nossas emoções negativas precisamos mexer com nossa criatividade no domínio do vital. A prática do amor incondicional pode ser um caminho.

Durante a vida de um educador muitas experiências são realizadas e vividas. Ações vitoriosas, fracassadas, outras ainda que passam totalmente despercebidas por quem vive ou assiste a esse processo.

Optei resgatar, para este artigo, uma experiência recente, que me deixou marcas para sempre, pois veio confirmar a importância de minha inteireza dentro do espaço sala de aula, confirmou a captação dos alunos para a narrativa invisível. É ação e reação. Nós, educadores, somos responsáveis em levar o que temos de melhor, sem arrogância, mas respeitando a trajetória de vida dos educandos. Nossa vida continuará e a deles também, porém, se conseguirmos que pensem em nós, no que transmitimos, será a grande contribuição dos aprendizados passados com amor e responsabilidade.

Conhecendo-me melhor há a possibilidade de criar vínculos com os outros ao meu redor. O amor é um dos conteúdos básicos da minha existência. Dialogo com ele na profissão, na família, com os amigos, enfim ele é utilizado para eu conviver, independentemente com quem.

As leituras realizadas proporcionaram-me perceber que a arte e a linguagem poética me permitem um encontro. Caminho livremente pela Interdisciplinaridade que dá essa condição de inovar na pesquisa, investigando, e não oportunamente ou escondidamente, procuro a mim mesma, meu potencial interno. Uma volta aos preceitos internos, aos valores adquiridos, a minha fé, a minha afetividade, a minha espiritualidade. Essa percepção vem me transformando, procuro a mim mesma, percebendo o outro e com ele compartilhando. A Educação é uma oportunidade de desenvolvimento espiritual e os

estudos interdisciplinares podem ser um fio condutor de buscas, descobertas, crescimento e desenvolvimento. Ela me permitiu abrir o campo para estudos mais profundos sobre a minha espiritualidade, para o meu desenvolvimento de potencialidades.

Experiências são experiências e elas devem servir para nosso crescimento. Por esse motivo não dispensei conhecer situações e pessoas, porque tenho a certeza de que serei muito enriquecida nesses encontros. Sigo no processo de desenvolvimento de minha escuta sensível, afinada, prestando atenção a tudo e olhando em todas as direções.

E assim aconteceu mais uma oportunidade de trabalho. Um convite apressado e instigante, substituir um professor que havia deixado o módulo do curso de pós em formação. Não sei por quê, minha intuição aprovou o convite.

Li o plano de ensino que se encaixava muito bem a uma Psicopedagoga como eu, porém pedir disciplina a uma profissional interdisciplinar é perda de tempo.

Minha estratégia era exatamente me desafiar mais uma vez a fazer o diferente, embora o trabalho seja maior, mais delicado, se der certo provocará muito mais os alunos envolvidos e conseqüentemente o meu ser professor.

Estava ansiosa em conhecê-los, um pouco apreensiva, como iriam receber um professor diferente após encontros com o outro professor? Nem sabia o que havia feito e preferi não saber, assim teria mais liberdade para atuar. Preferi deixar minha intuição trabalhar. Separei vários textos, livros da bibliografia e fui com a intenção de levar o meu melhor a eles.

Entrei, fui apresentada e me apresentei. Havia ali alunos de 4 cursos diferentes: Enfermagem, Biologia, Fisioterapia e Educação Física. Olhei com carinho para eles e percebi que os que estavam sentados ao lado da parede estavam se escorando nelas. Um jeitinho clássico de acomodação para tirarem uma soneca pós almoço. Fiquei preocupada, porque teria de desacomodá-los. Estavam esperando uma aula para dormirem um pouco ou muito? A tela para o “Power Point” estava instalada e esperavam meu “pen drive” para começarem a dormir ou fecharem um pouco os olhos cansados dos plantões? O que fazer? Já me senti acolhida pelo comodismo, pela mesmice instaurada, acomodação não, esse não poderia ser o caminho para permanecermos juntos por mais de 4h, em um sábado à tarde.

Com essa dúvida e angústia instantâneas, captadas ali em segundos e nos olhares de estranhamento, desandei a falar, a elogiá-los e agradecer a oportunidade de tê-los conhecido. Olhei para a lousa e pedi que dois dos homens presentes me ajudassem a enrolar a tela. Frustração da platéia? Não haveria “Power?” Por quê? Teriam de copiar da lousa? Mais preguiça. Meus pensamentos apenas captavam tudo o que se passava ali.

Uma delas ensaiava o encostar-se à parede, mas ficou intimidada, fechou os olhos por instantes e eu não deixei que adormecesse. Pedi a todos que tentassem ficar acordados, esse era o grande desafio para quem trabalha à noite. Superação, aproveitar ao máximo a oportunidade que estávamos tendo de estarmos juntos, trocando, aprendendo com as experiências de todos os presentes.

A palavra de ordem do **primeiro encontro** foi desafio. Contei a eles um pouco de mim, comentei da importância dos cursos na área da saúde, passei a palavra para que pudessem contar o que queriam. Alguns casos interessantes surgiram e aos poucos os que estavam mais cansados foram se interessando e o corpo tomando outra forma. Fui chamando, pedindo que se colocassem, as paredes foram se afastando dos ombros deles.

Um caso exposto de imediato mexeu com todos. Uma enfermeira pediu a palavra e indignada e chorando contou o que havia acontecido em seu plantão.

Estava cuidando de uma paciente com câncer de mama, quando o médico entrou com sua equipe. Ele levantou sua roupa, nem percebeu que a jogou sobre a cabeça da paciente e começaram a apalpá-la sem dar o mínimo de atenção a ela. Ela era mais uma vez apenas o objeto de estudo daqueles médicos. Ao perceber a situação, ela delicadamente pegou em sua mão, arrumou sua roupa, tirando-a de seu rosto e ficou ali até que os médicos saíssem. A paciente não disse nada, apenas a olhou com carinho e agradecimento que foi percebido também pelo seu silêncio.

Todos fizeram comentários, estavam indignados, inclusive eu também me emocionei muito em ver que todos estavam prestando atenção e que os que ainda tentavam fechar os olhos, voltavam seu corpo para uma posição de alerta.

Percebi que estavam surpresos em poder se colocar, se expressar, contar seu dia a dia dolorido, suas indignações no tratamento com o paciente. Percebi que aquele seria o caminho, acionar o botão da acomodação, para desacomodá-los, tirá-los da zona de conforto em que estavam. Eles precisavam falar, se expressar, ter voz. No final desse encontro, pedi que expressassem por escrito o que havia ficado pra eles daquele dia. Para minha surpresa escreveram com vontade, não tiveram pressa para deixarem a sala, embora a aula já tivesse terminado. Destaquei alguns fragmentos escritos por eles no final do **primeiro encontro**:

“Sou professora na alma, gosto de trocar experiências sobre o ensinar. Posso dizer que me senti surpreendida hoje. Imaginei que teria uma aula conteudista e entra uma professora que quebra paradigmas. No lugar de “slides”, trocamos informações, comecei a me transformar.”

“Nesta aula me senti motivado a me expressar, a desabafar, a trocar experiências.”

“Agradeço a você ter me ensinado um novo caminho, você me fez ficar acordada.”

“É muito bom quando temos abertura para conversar, gostaria que os encontros na sala de aula fossem sempre interativos”.

“Hoje conhecemos uma professora que permitiu que meus colegas falassem de suas experiências, foi importante para eu perceber que tenho de aprender com a experiência deles. A novidade, às vezes, dá medo, mas temos de encontrar novos caminhos...”

“Entendi que para viver a vida tenho que fazer meu movimento individual respeitando, construindo, criando.”

Após ler os depoimentos acima mencionados, tive a certeza, o grupo merecia que eu fosse além de tudo o que já havia feito ou pensado. Respeito e carinho eram pouco do muito que demonstravam de vontade de sair do lugar. Apresentaria a eles a oportunidade de se conhecerem e reconhecerem seus talentos escondidos. Faria de tudo para que fossem mais felizes consigo e com a profissão escolhida.

No **segundo encontro**, estavam mais animados, já haviam percebido meu jeito falante e desacomodador. Tirá-los do chão, esse era o meu desejo.

Tinha proposto como estratégia trabalhar a cada aula palavras representativas e naquele dia ao entrar, a palavra que veio a minha mente foi **respeito** e **compartilhar**. Se meu desejo era estimulá-los cada vez mais a que colocassem seus talentos à mostra, pensei em resgatar o lado poético deles. Levei várias poesias de Drummond e pedi que se separassem em grupos e escolhessem uma poesia. O tema escolhido foi: Uma aula diferente. Pedi que preparassem um projeto e a poesia deveria fazer parte da aula em qualquer momento. Ela seria o símbolo da aula ministrada. Além disso incentivei-os a se conhecerem melhor, escrevendo um pequeno memorial.

No terceiro encontro estavam super empolgados quando eu cheguei. Até reclamaram que eu estava atrasada, embora não estivesse. Não dei de início a palavra a

eles. Resolvi incluir mais palavras àquelas já colocadas: **ousadia e humildade**. Adoraram a ideia e começaram as apresentações. Os temas velhice, cuidados paliativos, desinibição, deslocamento, capacitação profissional foram muito bem recebidos pela sala. Todos se envolveram e participaram animados de todas as dinâmicas apresentadas.

O **quarto encontro** foi o dia de maior emoção que eu pude sentir e para eles não foi diferente. Faltavam 3 grupos para se apresentarem com suas aulas diferentes. O primeiro tema doação de sangue já emocionou a todos, dramatizaram uma situação de desespero e todos ficaram comovidos. Precisar de sangue e não ter como recebê-lo por falta de doadores. O segundo tema: As necessidades dos idosos, fez com que cada um repensasse o posicionamento em relação aos parentes idosos. Muitos lembraram de seus pais, avós, emocionaram-se, emocionando a todos.

Para coroar a tarde, surgiu o último grupo com o tema: amor. Mais emoção no ar, todos foram contagiados pela palavra e o que ela representa. O exercício proposto de uma aula diferente tinha atingido seu objetivo. Os alunos tiveram a oportunidade de refletir, de extravasar emoções, rever suas histórias, choraram, agradeceram a oportunidade de poder exercer esse movimento de expressão.

Ao terminar a aula, a última aula do módulo, agradeceram todo o carinho recebido e eu recebi presentes, os mais significativos de toda a minha vida de educadora, que compartilharei com meu leitor. Compartilho com vocês os abraços carinhosos, as palavras de incentivo, palavras de carinho e dois presentes materializados.

Uma das alunas ao me abraçar me chamou e me entregou um pano, me surpreendi, isso nunca havia acontecido comigo. Abri, parecia um pano de copa, era bordado, delicado e na ponta estava escrito a palavra AMOR.

Vocês podem imaginar o que senti? Nenhuma palavra representaria o meu sentimento a não ser a palavra amor e reconhecimento por ter podido vivenciar aquela emoção.

Que representação poderia tirar desse presente tão significativo?

Outra aluna ao me abraçar colocou um rolinho de papel em minhas mãos e apenas me disse:---leia em casa.

Estava muito emocionada para desobedecer, mas não aguentei a curiosidade, li assim que cheguei ao carro e desabei em lágrimas. Era um papel enrolado com uma bala e o bilhete dizia:

“Professora, aceita esta bala como prova de carinho que sinto por você, porque você fez aparecer vários talentos que estavam escondidos dentro de nós. Beijos.”

E a bala, que eu poderia tirar dessa simbologia?

Minha emoção doía, quantos incidentes já haviam acontecido em minha vida profissional, muitos alunos já haviam manifestado descontentamentos comigo, com minhas aulas, mas compreendi a importância do movimento transformador na Educação.

Tinha de aproveitar essa chance que a vida me dava do reconhecimento que é totalmente passageiro, mas marcante. Afinal em cada sala de aula é um novo público, com diferentes perfis e vontades.

Mais uma lição de vida, o que aprendi com esse grupo tão sensível? Sem dúvida é aproveitar quando o grupo entende sua mensagem. Perceber a importância que o profissional na área da educação tem porque ele pode fazer a diferença, ele pode cooperar com a transformação do ser.

Se o discurso foi compreendido, a reação também foi imediata, com certeza tanto professor como alunos estavam na mesma sintonia e conseguiram extrair o melhor dos

dois lados. Essa é a verdadeira transformação individual e coletiva que podem ocorrer em uma simples sala de aula!

Eu agradeço a esse grupo, agradeço o convite de poder ter tido a oportunidade de aprender com eles. Eles foram meus grandes Mestres. Agradeço ao Coordenador do curso, que embora não me conhecesse, soube respeitar o meu jeito de ser e confiou. Isto é mais do que tudo! É como se tivesse me dito que sabia que eu iria fazer o meu melhor. Assim entrei na sala de aula desde a primeira vez, confiante de que estava amparada. Por esse motivo o reconhecimento e compartilho com ele os elogios a mim direcionados.

Vocês leitores, podem estar perguntando o porquê desse relato. Eu apenas respondo que toda experiência compartilhada pode ser um grande aprendizado. Além disso é um convite ao estímulo tanto do educador quanto do educando. É uma mostra de respeito entre coordenador, educador, educando e o resultado é a verdadeira parceria interdisciplinar na Educação. Este grupo soube aproveitar as oportunidades oferecidas para serem os atores de suas construções, cantaram, dramatizaram, foram poetas...

O teatro, a dança, a música, a linguagem desenvolvem a conscientização dos indivíduos, encorajam a comunicação mesmo que não verbal, unificam corpo e mente e possibilitam um contato com o sentido espiritual de liberdade no aqui e agora. A Interdisciplinaridade acelera esse processo interno de desenvolvimento íntimo dos indivíduos, na busca de encontros. Ela é arte, porque o ser que a exercita tem a possibilidade de desnudar-se numa relação entre movimento e emoção. Quando faltam palavras buscam-se localizações de imagens para expressar os sentimentos. Se dança, teatro, imagens, pinturas, linguagem são movimentos de encontros íntimos, a Interdisciplinaridade tem conseguido, com seus pesquisadores, esse movimento das descobertas também porque possibilita diferentes manifestações e consciência de si mesmo.

Encerro este relato com palavras escritas pelos alunos, as suas reflexões finais após ministrarem as aulas diferentes preparadas por eles, certa de que valeu a pena mais uma vez o meu desprendimento e minha humildade em compartilhar o que tenho de melhor, a habilidade de incentivar o outro a se encontrar a partir da escrita, a utilizar a sua criatividade.

“O trabalho em equipe nos levou a perceber o aprendizado compartilhado e desafiador e com muita ousadia, levando em conta o respeito e humildade. Quero fazer o diferente.”

“Fiquei estimulada a pesquisar mais, a aprender mais, a querer que o outro aprenda mais.”

“Aprender a olhar o outro com carinho e respeito, talvez esse seja o maior desafio na vida.”

“Aprendi a me respeitar, os encontros trouxeram esse grande aprendizado pra mim.”

“Enxergar meu aluno com carinho e compreensão, isso eu aprendi...”

“Eu sou uma folha em branco, uma pessoa cheia de espaço para se reescrever, fazer uma nova história, escrever um novo capítulo do meu ciclo de vida.”

“Acredito que crescemos emocionalmente, espiritualmente e culturalmente a cada segundo pela troca de experiências e conhecimentos.”

Com esses depoimentos aprendi mais uma vez que não importa o lugar, não importam quem são as pessoas, todos somos seres em busca de novas descobertas, de novos caminhos para despertar novos sentidos em nossa existência.

REFERÊNCIAS:

FAZENDA, Ivani Catarina. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papirus, 2001.

_____. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.** Campinas: Papirus, 2003.

GOSWAMI, Amit. **O ativista Quântico.** São Paulo: Aleph, 2010.

VARELLA, Ana Maria R.S. **A Comunicação Interdisciplinar na Educação.** (2008). São Paulo: Escuta.

